

VIAGEM AO REINO UNIDO

Lula defende Padilha apesar das derrotas

Presidente considera que ministro “é o que o país tem de melhor na articulação política”

» VICENTE NUNES
Enviado especial

Londres — O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assegurou, ontem, que mantém plena confiança na articulação política comandada pelo ministro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais, mesmo com as duas grandes derrotas, na Câmara dos Deputados, na semana passada — o adiamento da votação do Projeto de Lei 2.630/20, o PL das Fake News, e a derrubada de trechos dos decretos que alteravam o Marco Legal do Saneamento. Ele

garantiu que não há a menor hipótese de colocar outra pessoa para fazer a ponte entre o Palácio do Planalto e o Congresso.

“O Padilha é o que o país tem de melhor na articulação política. O fato de, muitas vezes, você errar ou acertar, tem que pensar no que aconteceu. Quando você governa, faz um acordo com a Câmara ou com o Senado sobre a aprovação de uma medida, tem que cumprir. O que os deputados estão se queixando? Que o governo tarda a atender as reivindicações, que o governo promete alguma coisa, que o cara tem alguém que indicou

que é tecnicamente competente. Então, se você se compromete com ele, tem que fazer. Digo sempre para os nossos ministros: tudo que você trata, e não cumpre, fica mais caro depois. É preciso que a gente seja eficaz. Tudo que o governo promete, tem que cumprir”, avaliou.

Descoordenação

Os trechos do Marco do Saneamento que foram derrubados, na quarta-feira, por 295 a 136, contaram com votos até mesmo de partidos com espaço no primeiro escalão do governo

— como MDB, União Brasil e PSD. Lula se disse confiante de que a lei será aprovada.

“Não fiquei preocupado com essa votação, porque sei que os deputados vão votar favoravelmente numa política que é uma revolução no país. É a primeira vez que a gente tem uma proposta capaz de envolver, em parceria público-privada, o fim da falta de saneamento básico no Brasil. Acho que o Congresso vai aprovar. Tenho conversado com o presidente (da Câmara dos Deputados, Arthur Lira e, se tiver desavenças na política, tudo se acerta”, afirmou.

Verba insuficiente para Fundo Amazônia

Ian Jones/Buckingham Palace

Na coletiva que concedeu depois da coroação do rei Charles III, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que os 80 milhões de libras (equivalentes a R\$ 500 milhões) que o governo do Reino Unido prometeu destinar ao Fundo Amazônia não são “suficientes”. Ao falar sobre o assunto, ressaltou, num primeiro momento, não saber a quantia prometida pelo primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, com o qual havia se reunido um dia antes. Mas, questionado pelo **Correio** de que a Embaixada do Reino Unido no Brasil havia confirmado as verbas disponibilizadas, admitiu que esperava mais.

“Minha expectativa era de que o valor fosse, no mínimo, igual ao prometido pelos Estados Unidos, de US\$ 500 milhões (R\$ 2,6 bilhões)”, destacou.

Lula afirmou que, no primeiro encontro com Sunak, não poderia pedir uma determinada quantia para o Fundo. “Não posso ir a uma reunião e dizer que quero R\$ 10, R\$ 20. Isso não cabe a mim”, frisou. Segundo ele, o que importa, é que os países ricos, que têm feito reiteradas promessas de desembolsos às nações mais pobres para preservar suas florestas, cumpram os acordos.

“Quero que cumpram a promessa de darem US\$ 100 bilhões (R\$ 510 bilhões) aos países que ainda têm florestas. Por isso, vou à COP nos Emirados Árabes. Vou cobrar essa promessa, como fiz no Egito, e cobrar uma nova governança global”, acrescentou.

Segundo Lula, desde que assumiu o governo, em janeiro, o Fundo Amazônia foi retomado e seus projetos vêm sendo executados. Originalmente, o mecanismo, que prevê a preservação da maior floresta tropical do mundo, recebia recursos da Alemanha e da Noruega. Os desembolsos desses países, contudo, foram suspensos no governo de Jair Bolsonaro, devido ao favorecimento a desmatadores.

Cobrança do rei

Além da promessa do governo britânico de apoio ao Fundo, Lula disse que recebeu um pedido direto do rei Charles III. Na



Lula (ao lado de Janja) se encontra com Charles III antes da coroação: pedido real para preservar Amazônia...

Ricardo Stuckert/PR



...e na reunião com o primeiro-ministro Richi Sunak: decepção com o montante destinado ao bioma

véspera, o presidente participou de um encontro com o monarca, do qual estiveram pouquíssimos chefes de Estado.

“O rei me pediu: proteja a Amazônia. Respondi que preciso de ajuda, porque é impossível fazer isso sozinho”, relatou. Ele destacou que ainda neste ano todos os países que detêm territórios de florestas amazônicas vão se reunir para definir, conjuntamente, formas de

manterem a vegetação de pé. Esse grupo deverá contar com a França, que mantém domínio sobre a Guiana Francesa.

O petista afirmou, ainda, que está negociando para que a COP30 seja realizada em um estado da Amazônia, a fim de que todos os participantes possam ver de perto a realidade local. A perspectiva é de que o encontro ocorra no Pará. “É importante que todos conheçam a Amazônia, se hospedem

por lá, fiquem até em barcos, se quiserem”, destacou. Na avaliação do presidente, é vital encontrar uma alternativa para o desenvolvimento econômico da região, com seus 25 milhões de habitantes.

“Há muitas oportunidades para o desenvolvimento de uma indústria verde, de fármacos, de cosméticos, que gere empregos e renda. Essas pessoas precisam trabalhar”, ressaltou. (VN)

Prisão de Assange é uma “vergonha”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou, ontem, a prisão do jornalista e ativista australiano Julian Assange, que está detido em uma penitenciária de segurança máxima na cidade de Belmarsh, na Inglaterra. Para ele, é “uma vergonha que um jornalista que denunciou as falcatruas de um Estado vigiava outros. E isso virou crime contra o jornalista?”, indagou Lula,

que disse ter se esquecido de falar sobre esse assunto com o primeiro-ministro britânico Richi Sunak, quando estiveram juntos na sexta-feira. “Mas assim que chegar ao Brasil, vou telefonar para o primeiro-ministro”, prometeu.

Não é de agora que o presidente defende a liberação de Assange, preso desde 2019, depois de passar sete anos refugiado na embaixada do Equador em Londres.

Foi por meio dos vazamentos de papéis secretos das Forças Armadas dos Estados Unidos que o governo brasileiro ficou sabendo

que a então presidente Dilma Rousseff e vários integrantes da gestão dela haviam sido grampeados pelos norte-americanos. No total, 29 telefones da equipe da petista foram monitorados.

No entender de Lula, a mídia mundial precisa ter uma postura combativa no caso de Assange. “A imprensa não se mexe na defesa desse jornalista. Não entendo”, cobrou. O governo dos EUA vem tentando a extradição dele há anos. Em junho passado, a então ministra do Interior do Reino Unido, Priti Patel, aprovou a remoção de Assange para uma prisão norte-americana. (VN)

» GT para voltar a estreitar relações

Brasil e Inglaterra precisam estreitar os laços comerciais, pois há oportunidades a serem exploradas nos dois países. Segundo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na última década houve um afastamento entre as economias, a ponto de a corrente de comércio ter recuado de US\$ 8,6 bilhões para US\$ 6,5 bilhões. Na tentativa de reverter esse quadro, foi criado um grupo de trabalho (GT) para incrementar não só as relações comerciais, mas também as culturais e científicas.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire



Sucesso do governo Lula é uma questão de probabilidades

Não custa nada repetir: o governo Lula 3 não é uma continuidade dos governos 1 e 2. Os dois mandatos anteriores do presidente da República foram bem-sucedidos e consagrados nas urnas, com a sua própria reeleição e a eleição de Dilma Rousseff, enquanto o mandato atual está apenas começando, num cenário completamente diferente dos anteriores — muito mais difícil do ponto de vista econômico, social e político. Por enquanto, o sucesso de Lula 3 é apenas uma probabilidade, mais ou menos equivalente aos seus 50,9% de votos válidos no segundo turno do ano passado. Não é pouca coisa.

Uns têm a impressão de que o governo vai muito devagar, outros que o universo conspira contra Lula. Leonard Mlodinow, em seu livro *O Andar do Bêbado*, explica que isso está associado à importância da memórias mais “disponíveis”, sobretudo as boas recordações. Quando escolhemos aleatoriamente um caixa de supermercado, temos a sensação de que a nossa fila é mais lenta. Entretanto, a chance de que isso aconteça, caso existam 10 caixas, é de apenas 10%. Essa probabilidade é a mesma para todos, mas temos a impressão de que é mais lenta porque prestamos atenção em tudo o que acontece à nossa frente.

O Andar do Bêbado é um livro dedicado ao acaso na vida das pessoas, que conta a história da lei das probabilidades, com exemplos surpreendentes, como o movimento caótico das partículas suspensas em água, que serviu para os trabalhos de Albert Einstein sobre a física estatística no começo do século passado. Muitas vezes o governo se move aleatoriamente, como se estivesse bêbado. Em outras, temos a impressão de que passou a fazer a mesma coisa de forma pior, só porque foi elogiado.

Na verdade, esse é um fenômeno matemático, chamado de regressão à média: em qualquer série de eventos aleatórios, há uma grande probabilidade de que um acontecimento extraordinário seja seguido, em virtude do acaso, de um fato mais vulgar. É o que acontece com o cenário no qual Lula realiza seu novo mandato. Do ponto de vista econômico, o período de junho de 2003 a julho de 2008 foi a fase de maior expansão para a economia brasileira das últimas três décadas.

Naqueles cinco anos, a indústria se expandiu, as vendas do comércio registraram alta e a geração de emprego e renda cresceram. Foram 61 meses de bonança, interrompido pela crise financeira de 2008, que provocou seis meses de recessão, de junho de 2008 a janeiro de 2009. Nesse período, para sair da crise, foi adotada uma política anticíclica que deu bons resultados, mas sua transformação em modelo econômico a ser seguido — a tal “nova matriz econômica” —, no governo Dilma Rousseff, resultou num fracasso.

Novo cenário

Agora, Lula assume o governo com uma economia em situação diferente. Já não há o boom das commodities nem o bônus demográfico (aumento da população economicamente ativa em relação às crianças e idosos), muito menos a fartura de picanha, que anabolizaram o seu governo e a sua popularidade. Houve uma acomodação de fatores, a tal regressão à média. No exterior, foi contido o risco sistêmico desencadeado pela crise bancária que se manifestou nos Estados Unidos e na Europa. O fim da pandemia, principalmente da política de Covid Zero da China, é positivo para o crescimento do PIB mundial.

No cenário interno, a apresentação da proposta de arcabouço fiscal ao Congresso contribuiu para arrefecer a percepção de risco pelos agentes econômicos. Outro sinal positivo é a taxa de câmbio no patamar médio de R\$ 5,00 durante o mês. A inflação deve ficar abaixo dos 5%, mas a manutenção da taxa de juros de 13,75% (Selic) pelo Banco Central (BC) continua sendo um droga para a economia.

O sucesso do governo Lula depende da aprovação do novo arcabouço fiscal e da reforma tributária. Esses não são fatores aleatórios. O xis da questão é o buraco de R\$ 300 bilhões na arrecadação prevista para 2023, de R\$ 5,3 trilhões. Como alcançar essa diferença? Nem o Executivo nem o Congresso estão dispostos a cortar gastos. Sem isso, as metas do arcabouço fiscal não serão cumpridas ou haverá aumento de impostos.

Quando o governo decide aumentar seus gastos sociais, de algum lugar esses recursos precisam sair. A conta não fecha. O conflito distributivo tende a se agravar se a economia não voltar a crescer.

Por essa razão, mas não exclusivamente, existe uma dicotomia entre as expectativas do mercado e as da sociedade, que repercute no Congresso. O mercado quer o país no rumo da redução do déficit fiscal por meio do corte de gastos públicos, a maioria da sociedade quer a economia cresça e as políticas sociais sejam mais robustas.

Lula não pode deixar de pedalar a bicicleta para não cair. As rodas são o crescimento econômico e a redistribuição de renda. Mas pode administrar melhor a velocidade. E torcer para que a Fortuna, o aleatório na política, lhe seja mais favorável.

Entretanto, segundo Mlodinow, o ser humano não está preparado para lidar com o aleatório, muitas vezes nem o reconhece. Muitos usuários dos primeiros iPod duvidavam da aleatoriedade com que as músicas eram tocadas, porque um mesmo artista ou música tocava mais de uma vez. A saída encontrada por Steve Jobs, segundo o livro, foi reprogramar o iPod para que evitasse repetições e deixá-lo menos aleatório para parecer mais aleatório.